



## RESENHA DO LIVRO “A ESCRAVIDÃO NO BRASIL”.

**PINSKY, Jaime. A ESCRAVIDÃO NO BRASIL 20 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.**

Profa. Ma. Maria Conceição Dal Bó Vieira<sup>1</sup>

No livro “A escravidão no Brasil” o autor levanta questões fundamentais para se entender a história da escravidão no Brasil, por exemplo, o tráfico, o trabalho, a vida na senzala e a resistência ao tratamento desumano a que eram submetidos os escravos.

Explica Jaime Pinsky que: “A escravidão não é recente na história da humanidade”, (PINSKY, 2009, p. 11) e que a mão-de-obra escrava já existia em Portugal, muito antes do descobrimento do Brasil.

O autor mostra que o regime escravista de mão-de-obra atingiu, também, os indígenas do Brasil que eram caçados nas chamadas “expedições de apresamento” e encaminhados para o trabalho escravo.

Ainda que a escravidão indígena não tenha desaparecido por completo, já nos primórdios da colonização brasileira, ela foi sendo substituída por escravos trazidos da África.

“Nada mais equívoco do que dizer que o negro veio ao Brasil. Ele foi trazido. Essa distinção não é acadêmica, mas dolorosamente real [...]”, (PINSKY, 2009, p.23), pois o negro foi trazido para exercer trabalho compulsório na grande lavoura da cana de açúcar.

Explica Jaime Pinsky que uma unidade produtiva – fazenda e engenho – exigia um número bastante expressivo de braços. Raramente um “engenheiro” (como eram chamados nos documentos de época os donos de engenho), tinha menos que 50 escravos, quando se tratava da produção de açúcar.

A propriedade escravista (para produção de açúcar, antes, e do café, depois) era, portanto, a característica principal da agricultura brasileira do período colonial e durante todo o século XIX.

O negro, ao chegar aqui, já tinha passado pela experiência da captura, escravização, transporte através do mar e o conseqüente desenraizamento.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação - UNISO, Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santana, Professora na Faculdade de Ensino Superior Santa Bárbara (FAESB). E-mail: maria.conceição@faesb.edu.br.

Os escravos eram trazidos da Guiné, que na época era o nome usado por uma vasta região da África Ocidental (Guiné, Senegal, Mauritânia e Gabão). Na verdade, a “Grande Guiné” foi uma das zonas de origem de escravos negros, Angola foi outra (portos de Benguela e Luanda) de onde foram enviados muitos escravos para o Brasil.

Em zonas da África Oriental (Madagascar e Moçambique) também houve tráfico de escravos, embora em menor número. Esclarece o autor que, lembrar o porto de origem do escravo, contudo, não tinha necessariamente relação com sua origem étnica, pois, a captação de escravos ocorria, muitas vezes, a distâncias significativas dos locais de embarque.

Sabe-se que uma grande variedade de grupos negros foram trazidos ao Brasil pelos traficantes: guinéus, angolanos, bantos, sudaneses, minas, entre outros.

O tráfico fazia com que os negros, filhos de tribos pastoras ou agricultoras, habitantes de savanas ou de florestas, fossem aprisionados, vendidos, revendidos, escravizados, conduzidos ao porto e embarcados para uma longa viagem ao desconhecido.

O transporte dos escravos, nas palavras do autor “[...] era, sem dúvida, uma forma de reduzir o negro à sua expressão mínima, de prepará-lo para o que vinha”. (PINSKY, 2009, p. 34). Em geral, na hora do embarque, os negros eram batizados, deveriam esquecer seu país de origem e enfrentar uma viagem que podia demorar cerca 35 ou até mais de 50 dias.

Como explica o autor era grande o número de escravos mortos, mas, ainda assim o traficante obtinha grandes lucros com esse comércio. Chegando ao porto de desembarque ocorria a venda de escravos que eram tratados como mercadoria e, ser tratado como mercadoria foi uma das maiores violências perpetradas contra o povo negro.

Como lembra o autor: “Desprotegido, longe de sua terra de origem ou já nascido cativo, o negro ficava sujeito às explosões de gênio de feitores e senhores, às taras e ao sadismo, além de terem qualquer ato de protesto reprimido com violência”. (PINSKY, 2009, p. 70).

Muitas vezes os escravos se revoltaram contra a maldade dos seus senhores, realizaram fugas, fizeram rebeliões e fundaram quilombos o que mostra uma luta



incansável em busca de liberdade. Nas palavras do autor: “A abolição não pode ser reduzida a um ato de brancos” (PINSKY, 2009, p. 94).

Enfim, o livro “A escravidão no Brasil”, de autoria de Jaime Pinsky é uma obra fundamental para estudantes, professores e todos aqueles que buscam uma análise crítica de temas históricos, como a escravidão no Brasil, e sua influência na formação da sociedade brasileira.